

VISIBILIDADE É TUDO? ESTUDO CRÍTICO DE LGBT NA FOLHA DE S. PAULO

IS VISIBILITY EVERYTHING? CRITICAL STUDY OF LGBT ON FOLHA DE S. PAULO

Iran Ferreira de Melo¹

UFRPE / Núcleo de Estudos em Discurso e Descolonialidade

RESUMO

Esta pesquisa relata parte da produção intelectual e metodológica de uma pesquisa vinculada ao subprojeto de pesquisa Gêneros jornalísticos impressos: historicidade, constituição e mudança em uma perspectiva crítico-discursiva que integra o projeto maior chamado História do Português Paulista da Universidade de São Paulo. Tal estudo consiste na análise de como homossexuais – lésbicas e gays –, bissexuais e pessoas transgêneras – travestis, transexuais e intersexuais – (LGBT), indivíduos historicamente excluídos de seus direitos sociais, são representados/as no jornal impresso de maior circulação do Brasil, a Folha de S. Paulo. O material que serviu de *corpus* ao trabalho foi composto por notícias sobre a realização do evento denominado Parada do Orgulho LGBT, ação coletiva organizada na cidade de São Paulo por pessoas que defendem a garantia da igualdade de direitos a LGBT. Trata-se de textos sobre todas as edições desse evento (1997-2012), publicados no dia e na data posterior em que ocorre. A partir da análise desses dados, a pesquisa propôs investigar o discurso produzido por meio das notícias. Concluímos que esse discurso revela um importante papel da Folha na produção de significados que afetam o modo como, em geral, a sociedade compreende o movimento.

PALAVRAS-CHAVE: LGBT; Folha de S. Paulo; representação dos atores sociais; transitividade

ABSTRACT

This work describes an intellectual and methodological research linked to the research subproject Gêneros jornalísticos impressos: historicidade, constituição e mudança em uma perspectiva crítico-discursiva which integrates larger project called História do Português Paulista da Universidade de São Paulo. Such study consists in the analysis about how homosexuals – lesbians and gays –, bisexuals and transgender people – transvestites, transsexuals and intersex – (LGBT) individuals historically excluded from their social rights, are represented in the printed newspaper with the largest circulation from Brazil, *Folha S. Paulo*. The material that composed the *corpus* of work was comprised of news about the event called *LGBT Pride Parade*, collective action organized in São Paulo city by people who defend the assurance of equality rights to LGBT. These are texts about all editions of this event (1997-2012), and published on and a later date at which it occurs. From analysis of these data, our research proposes to investigate the discourse produced through these news. We conclude that this discourse point an important role of Folha in the production of meanings that affect how, in general, the society understands the LGBT movement.

KEYWORDS: LGBT; *Folha de S. Paulo*; representation of social actors; transitivity.

Os jornais e as revistas são fundamentais para avaliarmos como lentamente vai tornando pública a questão da

¹ Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP, iranmelo@hotmail.com

homossexualidade: de “criminoso”, ou “doente”, a militante do movimento gay, muita coisa aconteceu, muita história se passou

(GREEN & POLITO, 2004: 18)

INTRODUÇÃO

A pesquisa que originou este artigo teve como objetivo analisar a função do discurso na construção de representações sobre um coletivo de pessoas que secularmente está à margem da história oficial, sendo desvalido de elementares direitos sociais e humanos em todo o mundo: mulheres e homens homossexuais – lésbicas e gays – e bissexuais, bem como pessoas transgêneras – travestis, transexuais e intersexuais – (LGBT). Desenvolvemos neste estudo a análise da visibilidade de tais atores, realizada em notícias do jornal Folha de S. Paulo, publicadas de 1997 a 2012 e que tematizam uma atividade de militância social organizada por esses indivíduos, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

Numa sociedade marcadamente sexista, falocêntrica e homofóbica como a nossa, um estudo como esse pode revelar variadas estratégias ideológicas que se materializam discursivamente em textos jornalísticos – em especial na notícia – para engendrar a construção da imagem (reproduzindo ou transformando o discurso hegemônico) desses atores sociais. Por isso, este trabalho buscou acerto teórico em modelos críticos de análise social e discursiva que envolvem o exame do texto e de componentes lexicogramaticais para entender o discurso noticioso da Folha como uma chave que mimetiza a representação de LGBT em escala nacional.

A fim de possibilitar um trabalho de análise tanto dos textos que servirão de objeto desta investigação quanto das maneiras que as relações de poder e exclusão social operam sobre eles, enquadramos nossa proposta de estudo nos modelos da pesquisa qualitativa e documental. A seguir, apresentamos as decisões ontológicas e epistemológicas que seguimos, no intuito de apontar objetivamente os traços constituintes de nosso empreendimento científico.

1. A seleção de aspectos ontológicos e epistemológicos

Em nossa pesquisa, selecionamos como objeto de estudo a representação de LGBT durante participação nas edições da Parada do Orgulho de São Paulo, ocorridas de 1997 a 2012. Para isso, escolhemos, como objeto de análise textual-discursiva, notícias do jornal Folha de S. Paulo e, como categorias de análise linguística, constituintes da notícia que iremos apresentar mais adiante. Conexamente a essas decisões ontológicas e delimitações do objeto, selecionamos um instrumental epistemológico que serviu de material teórico-analítico para categorizar, descrever e interpretar os nossos dados.

Articulamos um grupo de teorias que possibilitam pensar sobre como ocorre a representação do mundo social e, em especial, dos atores sociais em atividades públicas. Trata-se dos postulados teóricos concebidos pelo paradigma de investigação linguística e social denominado Análise Crítica do Discurso (ACD), cujo escopo de estudo ocupa-se, *lato sensu*, dos efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, podem ter sobre as práticas sociais, isto é, sobre as formas de indivíduos agirem no mundo e interagirem com o mundo, representarem aspectos do mundo e de si mesmos e construir identidades sobre si e sobre outrem. Esse paradigma serve, por isso, como um produtivo recurso para a análise de como os sentidos atuam a serviço de projetos particulares de dominação e exploração, seja contribuindo para sustentar ou modificar conhecimentos, crenças, atitudes ou valores (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 19).

Desse modo, estabelecemos diálogo com a teoria de um eminente protagonista da ACD: Teun van Dijk. Para ele, a notícia jornalística é uma forma de discurso e uma prática de representação e governança manifestada em suas estruturas. No próximo tópico, vamos detalhar mais essa discussão, que subsidiou a análise que iremos relatar aqui.

2. Notícia jornalística – prática de representação e governança

Segundo van Dijk (1996, p. 14), em geral, o discurso jornalístico de caráter informativo apresenta um esquema textual da notícia dividido pela hierarquização de duas categorias textuais: Resumo e Relato. A primeira é um conjunto de fatores perspectivados de contextualização (MARCUSCHI, 2009), expresso pelo que van Dijk (1996, p. 14) chama de textos-reduzidos, isto é, estruturas que, segundo o autor, enfocam as principais informações que o jornal deseja que o público-leitor saiba sobre o texto-expandido da notícia, caracterizada por esse linguista como Relato.

O Resumo, segundo van Dijk (1996, p. 14), agrupa as seguintes estruturas de contextualização: Manchete e Abertura (localizados exclusivamente nas capas dos veículos jornalísticos); Chapéu e Título (localizados nas capas e/ou no interior dos cadernos); Linha Fina, Lide e Sublide (inseridos apenas nos cadernos). São geralmente os primeiros elementos a serem processados na leitura e servem para organizar as expectativas sobre o assunto tratado, nomear as notícias, despertar o interesse do/a leitor/a e estabelecer vínculos com informações textuais e extratextuais.

No percurso de leitura de uma notícia, o acesso às informações do Resumo se dá normalmente por meio da ordem apresentada (Manchete > Abertura > Chapéu > Título > Linha Fina > Lide > Sublide), o que implica um processamento centrípeto de leitura que perpassa essas estruturas do Resumo até chegar ao Relato, que discutiremos mais adiante. Portanto, há estratos de contextualização do acontecimento relatado que são mais evidenciados do que outros e, por isso, potencialmente capazes de objetivar os atores representados na notícia.

A Manchete, estrutura que corresponde à sentença de maior destaque, é, em geral, composta por letras de destaque (caixa-alta e negrito) e publicada no alto ou no centro da capa do veículo. Indica o fato jornalístico que o Poder e o Controle consideram de maior importância entre as notícias contidas na edição (SILVEIRA & PAULA, 2009, p. 09). Ela pode intitular um texto de capa ou apontar para uma notícia no corpo do caderno. Cada edição de um jornal só possui uma Manchete e sua escolha deve-se a critérios de noticiabilidade, tais como enumera Lage (2001): atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana.

Segundo Falcone (2005, p. 30), Abertura ou Entrada são os nomes daquilo que nos jornais tem a função de um ou mais parágrafo-resumo, contendo as principais informações de uma notícia ou entrevista situadas no interior do caderno. Pouco selecionada para resumir notícias simples, trata-se de uma introdução ao Lide, publicada com destaque e, inclusive, intitulada com tamanho e estilo de letras diferenciados do restante do texto. Pode vir na capa ou ainda introduzindo uma entrevista pingue-pongue. As edições da Folha onde foram publicados os nossos dados possuem algumas Aberturas.

O Chapéu é uma estrutura opcional no texto jornalístico e consiste numa palavra ou num grupo nominal colocado acima do título de uma notícia, com o objetivo de caracterizar o tema da matéria. Para van Dijk (1996, p. 14), funciona, do ponto de vista argumentativo, como uma palavra designativa usada para definir o conteúdo da notícia e, do ponto de vista discursivo, como um tópico que orienta o foco do texto. Esse autor salienta que tal elemento desempenha um papel fundamental na comunicação jornalística, pois sumariza conceitualmente o texto e especifica a sua informação mais importante, respondendo à pergunta: Sobre o que fala a notícia?

Já o Título corresponde a um elemento obrigatório de contextualização da notícia e proporciona ao jornal manter o controle discursivo, pois boa parte da compreensão de um texto

é monitorada pela interpretação do Título, que estabelece vínculos com informações textuais e extratextuais, as quais orientam o público para a conclusão a que deve chegar (AGUIAR, 2002). Ele funciona como um índice de leitura do texto e, portanto, para o jornalismo, deve ser atraente, de entendimento imediato ou provocativo. Como fatores de contextualização, tanto o Chapéu quanto o Título, ao mesmo tempo em que nomeiam o texto, despertam o interesse do/a leitor/a, ativando seus conhecimentos prévios.

A Linha Fina, por sua vez, como o Chapéu e a Abertura, é uma categoria opcional no gênero notícia e tem uma função semelhante ao texto da Abertura. No geral, serve para acrescentar informações além do título, orientar a leitura, assim como legitimar o controle discursivo (VAN DIJK, 1996, p. 14). Presume-se que o/a leitor/a pode ser alguém que tem pouco tempo para ler a notícia, precisa da informação, mas não pode demorar muito até saber o que lhe interessa.

Já o Lide, sumariamente, podemos afirmar que é a abertura da notícia em si, constituída pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido (ERBOLATO, 1991, p. 15). Ele corresponde ao primeiro parágrafo e deve responder às questões “O quê?”, “Quem?” “Onde?”, “Quando?” e “Como?”. Essas marcas interrogativas são respondidas nesse parágrafo com o objetivo de deixar, logo no começo do texto, os/as leitores/as bem esclarecidos/as sobre o fato noticioso, principalmente aqueles/as que não dispõem de tempo suficiente para ler todo o texto. Ele torna possível ao público-leitor tomar conhecimento do essencial da notícia ao ler apenas o primeiro parágrafo (FOLHA DE S. PAULO, 2007). O Sublide, por sua vez, é uma continuação do Lide, pois responde a perguntas secundárias ou menos relevantes (segundo conceitos jornalísticos), tais quais, “Por quê?” e “Para quê?” (VAN DIJK, 2006, p. 14). Nele já constam as citações de entrevistados/as, mas é, nos parágrafos seguintes, onde preferencialmente estão os discursos diretamente reportados. Para esses demais parágrafos, não há uma estrutura rígida de organização, podendo ocorrer de forma diferenciada, dependendo do espaço cedido ao fato noticiado.

Ainda há outros constituintes da notícia que não foram contemplados por van Dijk (1996) como parte do Resumo, mas que registramos aqui, pois foram encontrados em nossos dados. São eles: Chamada, Olho, Intertítulo, Texto-legenda e Foto-legenda.

A Chamada é um parágrafo pequeno, geralmente formado por apenas um período simples, que, do mesmo modo que a Abertura, situa-se na capa do jornal para resumir a notícia inserida no veículo, entretanto, ao contrário dessa outra estrutura, apresenta apenas as informações essenciais do acontecimento reportado ou aquelas mais relevantes para o jornal (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Além disso, a Chamada também pode possuir Título, Chapéu ou os dois elementos juntos; por ser um texto de pequena extensão, pode vir amalgamada com a descrição de alguma imagem, ou mesmo a uma Foto-legenda; e, como outras estruturas de capa que citamos, é considerada por alguns como um gênero discursivo à parte da notícia em si.

O Olho é um parágrafo ou um excerto do texto, que se coloca em posição destacada na página, geralmente em corpo maior e eventualmente em cor diferente (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Tem o objetivo de chamar a atenção do/a leitor/a para o ponto (ou os pontos) de mais relevo que a matéria contém, segundo o jornal. Pode ainda ser textualizado no formato de uma citação da fala de algum/a entrevistado/a durante a captação de informação para produzir a notícia e, muitas vezes, é colocado no interior ou na lateral do texto, sendo, nesses casos chamados de *Olho de Continuidade* e ocorrendo, muito comumente, em notícias de revista.

O Intertítulo é qualquer outro título usado na notícia (em geral em reportagens) para dividir os tópicos discursivos (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Atualmente é quase consensual que o Intertítulo entra onde o desenho da página e o texto pedem, deixando de existir, na prática, uma regra para colocar essa estrutura. Alguns de nossos dados possuem Intertítulo, como apontaram exemplos que já mostramos aqui, mas, para localizar melhor esse elemento, destacamo-lo na imagem seguinte.

Por fim, o Texto-legenda de fotografia tem a função de completar a informação constante na imagem que corresponde a algo citado na notícia (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Geralmente constitui-se de uma ou duas linhas de texto escrito localizada logo abaixo da foto, sendo excepcionalmente usado acima ou ao lado dela. Por ser a fotografia um dos primeiros elementos que atraem o público à página de um jornal, é comum as redações recomendarem que essa estrutura seja atraente, objetiva e, sobretudo, informativa; não servindo apenas para descrever a imagem, embora não possa deixar de cumprir essa função (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Não analisamos esse elemento em nossos dados, pois acreditamos que isso conduziria a fazer uma análise também do que a foto retrata, o que não é nosso objetivo.

É importante não confundir o Texto-legenda com a estrutura Foto-legenda. Esta pode ter uma descrição escrita com maior extensão (até quatro linhas), onde se narra ou se descreve o acontecimento que a fotografia ilustra, sem qualquer outro texto noticioso atrelado (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Pode ser concebido como um gênero autônomo do jornalismo, mas, ao funcionar como chamada da notícia, esse gênero é considerado em nossa pesquisa como também uma estrutura do Resumo explorada na capa, que dirige a leitura à notícia, como um índice do que o público-leitor encontrará no interior do caderno sobre o acontecimento citado. Em nossos dados, encontramos algumas estruturas como essa, sempre presentes na capa.

De acordo com van Dijk (1996), essa organização do Resumo que citamos tem o intuito de direcionar a compreensão do fato reportado. Já o Relato, ou texto expandido, é, segundo esse autor, o que resta após o primeiro e o segundo parágrafos (Lide e Sublide), o espaço onde estão dispostos os eventos e as consequências dos fatos narrados, o lugar para as citações das pessoas entrevistadas e onde é descrita a notícia propriamente dita (VAN DIJK, 1996, p. 13, 2004, p. 20). Caracteriza-se ainda como o local em que o/a jornalista tem espaço para as suas conclusões, especulações ou expectativas sobre o fato noticiado, não apresentando estrutura especial e sendo carregado de dados facultativos à compreensão do acontecimento.

Após analisar 250 jornais, coletados em 100 países, dos quais 700 matérias foram submetidas à análise, van Dijk reuniu uma consistente base de dados para elaborar a seguinte afirmação: “as formas estruturais e os sentidos globais dentro do texto jornalístico não são arbitrários, mas resultados de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais, de um lado, e uma condição importante para o processamento discursivo de um texto noticioso, tanto por jornalistas como por leitores, de outro” (VAN DIJK, 1996, p. 123). Esses hábitos conduzem às tipificações que apresentamos rapidamente aqui, isto é, a padrões comunicativos como maneiras de nos compreendermos ou de coordenarmos melhor nossas atividades no domínio jornalístico (BAZERMAN, 2005, p. 02), as quais formam modos de continuidade, rotinização e reconhecimento que os gêneros jornalísticos, e em especial a notícia, oferecem aos atores sociais, assim como maneiras, conforme citamos, de difusão ideológica e mecanismos de poder.

Entender práticas como essas entre linguagem e poder é basear-se no princípio de que a relação entre a linguagem e as estruturas sociais é opaca, ou seja, pouco visível e passa despercebida pelos indivíduos. Diante disso, um estudo crítico da linguagem reconhece que os textos apresentam traços e pistas de rotinas sociais que revelam essas relações e dá importância aos elementos externos à linguagem que interferem na composição e sentido da mesma, dentre eles a cultura, a história e a ideologia. Por isso, no próximo tópico, apresentamos o relato da análise que fizemos, em nosso corpus, desses elementos citados.

3. Relato da análise

Em relação ao grau de visibilidade que a Parada recebeu por meio de notícias que têm extensão de Resumo na capa do jornal, constatamos em nossos dados que há presentes três elementos: Abertura, Chamada e Foto-legenda. Por não haver nenhum caso de Manchete, desde já podemos afirmar que as notícias sobre a Parada de São Paulo não foram representadas, em

nenhum momento, como a informação mais relevante para a Folha nas edições que analisamos. Esse registro revela não apenas o grau de importância dado pelo jornal ao evento como fato noticioso, mas também aponta o nível de visibilidade que as notícias receberam diante do público-consumidor do periódico, que, nesse caso, resvalou para as outras estruturas de menor destaque na capa.

Identificamos sete ocorrências de Abertura, sendo distribuídas entre os anos 2000 e 2012, sem o acompanhamento das outras estruturas de capa que estamos verificando aqui. Sua realização se deu sempre no segundo dia de publicação, momento em que a notícia vem, em geral, caracterizada como reportagem. Isso talvez explique a escolha dessa estrutura de capa, que caracteriza-se por resumir notícias mais extensas, que apresentam uma sequência investigativa e requintes de detalhes sobre o fato noticiado. Nesses anos em que a Folha apresentou a Abertura como estrutura do Resumo na capa, a Parada vivenciava sua ascensão como evento de visibilidade, o que pode justificar o uso maior de reportagens (para dar conta das muitas nuances que esse ativismo passou a suscitar) e consequentemente a opção por esse elemento textual.

Já a Chamada, numa quantidade menor em nossos dados (cinco ocorrências), esteve presente nos anos 2004, 2005, 2007, 2009 e 2010, e também, como a Abertura, no período de enorme ascensão da Parada como expressão do movimento LGBT no Brasil. Entretanto, ao contrário dessa outra estrutura, a Chamada, em nosso *corpus*, aparece – exceto em 2010 – nas datas de realização da marcha, dias em que a notícia tem menor extensão se comparada àquela prevista para ser suitada, pois não dispõe de muitas informações para preencher o Relato. Esse pode ser o motivo da escolha pela estrutura genérica Chamada, e não pela Abertura nesses dias, já que a primeira corresponde a um recurso de menor abrangência sobre o acontecimento noticiado.

Quanto às ocorrências de Foto-legenda entre os nossos dados de capa, verificamos a mesma quantidade que a Chamada: cinco casos. Seu registro é constatado a partir da edição de 18/06/01, época em que a Parada estava recebendo cobertura midiática cada vez mais e tornando-se um evento reconhecidamente de massa. Os outros quatro casos se deram nos anos de 2004, 2005, 2006 e 2011, e, na maior parte das ocorrências, essa estrutura foi publicada em datas posteriores ao dia da Parada, coincidindo apenas uma vez com uma outra estrutura de capa que analisamos aqui (a Chamada); trata-se do caso que ilustramos.

Como elemento de grande visibilidade, pois une dois modos de linguagem (escrita e fotografia), a Foto-legenda, em geral, ocupa lugar de destaque na capa das edições que escolhemos, estando, às vezes, no centro da página, assemelhando-se em tamanho a outras fotos e apresentando um comprimento que chega a englobar um terço da lauda, como podemos ver nos três exemplos a seguir.



Figura 1 – PHPP Not. XXI (14/06/2004, 18/06/06, 27/06/2011)

Diferentemente do que visualizamos nos registros de Abertura e Chamada – publicados de modo quase regular entre os anos de ocorrência –, a Foto-legenda aparece com maior concentração em notícias publicadas de 2004 a 2006 (três casos). Essas publicações enquadram-se no período de maior visibilidade por ocorrência de publicação no jornal (de 2000 a 2007), o que nos leva a atribuir a sua realização às mesmas razões que comentamos ao tratarmos dessa variável no tópico anterior. Além disso, todos os casos de Foto-legenda encaixam-se no interstício dos anos em que as notícias receberam Abertura, isto é, durante os anos 2000.

Arelado a isso, na edição de 30/05/05, o conjunto dessa dupla estrutura (Abertura e Foto-legenda) conta ainda com duas Frases² sobre o evento, ambas citações de José Serra, então prefeito de São Paulo, e Marta Suplicy, ex-prefeita dessa cidade e que, na ocasião, a Folha alegara participar do evento para fazer campanha eleitoral. Embora essas Frases não façam parte de nosso corpus – pois consideramos que, por ter uma única ocorrência, não caracterizam representatividade diante das outras estruturas –, vale salientar que, no bojo dos constituintes textuais que apontam para a notícia sobre a Parada naquela edição, esse elemento fortalece a visibilidade de capa.

Segundo os resultados de nossa observação sobre o uso das quatro estruturas que a literatura teórica nos aponta como sendo índices de visibilidade da notícia na capa de um jornal (Manchete, Abertura, Chamada e Foto-legenda), percebemos primeiramente que esses recursos só passaram a ter existência em nosso corpus a partir do ano 2000, quando se noticiava a quarta edição da Parada e isso, como já sinalizamos algumas vezes, pode ter relação com o crescimento do evento que começa nessa época, sendo fruto dele e, ao mesmo tempo, reforçando-o, ao passo que o registro dessas estruturas de capa pode dar mais notoriedade à passeata e, com isso, mais pessoas também podem se interessar em conhecê-la.

Mesmo sem ocorrência de Manchete, as outras estruturas (Abertura, Chamada e Foto-legenda) foram vistas com uma relativa frequência, levando-nos a afirmar que houve um bom

² De acordo com Pedrosa (2004), a constituição do gênero textual *Frases* no jornal se dá quando este insere isoladamente uma declaração emitida por alguém que o periódico considere de relevo para algum tema em pauta selecionado na edição. A publicação dessa declaração vem acompanhada do nome de quem declarou e, muitas vezes, da circunstância em que ocorreu a declaração.

grau de visibilidade por tematização na capa e, o que é mais pertinente para a pesquisa, fazendo-nos reconhecer uma coerência entre os anos de “ebulição” do evento (é claro que em termos quantitativos) e o ascendente uso dessas estruturas. Esse grau de visibilidade somado ao desenvolvimento tecnológico e a maior atenção do Grupo Folha às questões que envolviam a práxis mercadológica do segmento LGBT são fatores que não podemos desconsiderar quando traçamos um olhar crítico sobre os vários momentos da história de representação do ativismo LGBT na Folha de S. Paulo. Em outras palavras, a relação do conjunto de práticas que envolvem a luta por visibilidade LGBT com as práticas particulares semióticas produzidas pela Folha é capaz de gerar um discurso e um sistema de representação complexos do ponto de vista social.

Sobre o grau de visibilidade que a Parada recebeu através de notícias que possuem um Resumo no caderno, verificamos, em nossos dados, a presença de Chapéu, Linha Fina, Olho e Intertítulo. As ocorrências desses elementos apontam para o processo de tematização do conteúdo a ser lido nas notícias e fornecem maior contextualização e visibilidade ao acontecimento noticiado. Além disso, a seleção desses recursos indica ainda o grau de destaque dado pelo jornal à Parada, considerando-a como fato noticioso, uma vez que essas estruturas ajudam a ampliar o espaço da notícia no corpo do caderno. O quadro-síntese a seguir mostra a quantidade de casos desses elementos em nosso corpus.

Dos 29 textos analisados, 14 vinham antecidos de Chapéu no Resumo do caderno, compondo praticamente todos publicados entre os anos de 1998 e 2005. No entanto, podemos dizer que essa estrutura pode ser considerada anacrônica hoje, posto que, há sete anos, não se faz presente nos textos noticiosos da Folha sobre a Parada publicados no interior do jornal, como mostra o quadro a seguir com o registro dos Chapéus em nosso *corpus*.

Edição	Ano	Data	Chapéu
1ª	1997	28/06	Sem Chapéu
2ª	1998	29/06	DIA DE PROTESTO
3ª	1999	27/06	PARADA
		28/06	PASSEATA
4ª	2000	25/06	PASSEATA DA PAULISTA
		26/06	PASSEATA
5ª	2001	17/06	ORGULHO GAY
		18/06	SÃO PAULO
6ª	2002	02/06	Sem Chapéu
		03/06	ORGULHO GAY
7ª	2003	22/06	FESTA
		23/06	DIVERSIDADE
8ª	2004	13/06	EVENTO
		14/06	DIVERSIDADE
			DIVERSIDADE
9ª	2005	29/05	DIVERSIDADE SEXUAL
		30/05	DIVERSIDADE SEXUAL
10ª	2006	17/06	Sem Chapéu
		18/06	Sem Chapéu
11ª	2007	10/06	Sem Chapéu
		11/06	Sem Chapéu
12ª	2008	25/05	Sem Chapéu
13ª	2009	14/06	Sem Chapéu
		15/06	Sem Chapéu
14ª	2010	07/06	Sem Chapéu

15 ^a	2011	27/06	Sem Chapéu
16 ^a		10/06	Sem Chapéu
		11/06	Sem Chapéu

Quadro 1 – Registros de Chapéu no caderno

Como resultado de uma estratégia de produção da notícia ou apenas como fruto de coincidência, após 2006, uma das estruturas de Resumo que prevaleceu foi o Olho, elemento não presente no período de uso do Chapéu, o que parece configurar uma substituição de um recurso pelo outro. As duas estruturas correspondem a recursos de forte função contextualizadora e tematizadora, assim como de impacto visual e comunicativo na notícia. Outra característica interessante no processo de visibilidade da Parada em nossos dados foi o uso do Chapéu combinado com a Linha Fina em notícias divididas por mais de um foco temático (através de Intertítulo), como aconteceu bastante de 1998 a 2005. Essa associação também constituiu um compósito de grande acessibilidade à leitura dos textos noticiosos em questão na nossa pesquisa.

Embora sejam típicas do Resumo no interior do caderno, constatamos algumas ocorrências do Chapéu nas capas que também analisamos, estando diante das estruturas que já citamos noutro tópico. Isso indica o reforço de destaque que o jornal concedeu às notícias sobre a Parada. Adiante segue a lista desses casos.

Edição	Ano	Data	Estrutura da capa	Chapéu
5 ^a	2001	18/06	Foto-legenda	RECORDE
8 ^a	2004	14/06	Foto-legenda	NOVO RECORDE
9 ^a	2005	29/05	Chamada/Foto-legenda	ARCO-ÍRIS
10 ^a	2006	18/06	Foto-legenda	METRÓPOLE GAY
11 ^a	2007	10/06	Chamada	PARADA GAY
15 ^a	2011	27/06	Foto-legenda	GAROA COLORIDA

Quadro 2 – Registros de Chapéu na capa

Somente em 02/06/02 não encontramos ocorrência de Chapéu nas notícias de nossos dados. Já com o uso desse recurso na capa, dos 6 registros que contamos dois se deram no dia do evento. Além disso, quase todos os registros de capa apresentaram esse recurso perante a Foto-legenda, como pudemos ver no quadro anterior. Tais dados podem ter essa configuração, pois, já que o Chapéu funciona como uma espécie de tópico, tal qual um Título, a Folha talvez entenda que a sua aplicabilidade seja redundante diante de uma Abertura, elemento que é necessariamente intitulado.

Podemos reunir as lexias usadas como Chapéu em 08 grupos, de acordo com os campos semânticos que cada uma evoca. No quadro 16, expomos esses grupos, tais lexias e a quantidade de ocorrências entre parênteses.³

1. Localização espacial “SÃO PAULO” (1) ⁴ “METRÓPOLE GAY” (localizador espacial + caracterizador identitário) (1)
2. Atividade 2.1 Atividade genérica “EVENTO” (1)

³ A classificação para esses grupos semânticos não seguiu nenhuma teoria aplicada a este trabalho, e sim os modos como cada lexia é definida em dicionários, a exemplo do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.

⁴ Seguimos aqui o uso da caixa-alta feito pela Folha.

<p>2.2 Atividade de marcha “PARADA” (1) “PASSEATA” (2) “PASSEATA NA PAULISTA” (atividade + caracterizador espacial) (1)</p> <p>2.3 Atividade de contestação “DIA DE PROTESTO” (atividade de contestação como caracterizador de tempo) (1)</p> <p>2.4 Atividade de celebração “FESTA” (1)</p>
<p>3. Identidade coletiva</p> <p>3.1 Identidade coletiva genérica “DIVERSIDADE” (3)</p> <p>3.2 Identidade coletiva de sexualidade “DIVERSIDADE SEXUAL” (2)</p>
<p>4. Sentimento categorizado “ORGULHO GAY” (2)</p>
<p>5. Escopo da Parada “RECORDE” (1) “NOVO RECORDE” (escopo de evento + caracterizador para atualização) (1)</p>
<p>6. Parada</p> <p>6.1 Nominalização da Parada “PARADA GAY” (1)</p> <p>6.2. Metaforização da Parada</p> <p>6.2.1 Símbolo da Parada “ARCO-ÍRIS” (1)</p> <p>6.2.2 Alegoria de uma edição da Parada “GAROA COLORIDA” (1)</p>

Quadro 3 – Tipos de Chapéu

A maior ocorrência se dá com palavras que representam LGBT e seus contextos de atuação ativista, ora para nominalizar o evento (“PARADA GAY”, “FESTA”), ora para simbolizá-lo (“GAROA COLORIDA”, “ARCO-ÍRIS”) ou ainda para apontar algum interesse ou alcance seu (“RECORDE”, “NOVO RECORDE”), dentre outras formas. Somente o Chapéu “SÃO PAULO” não se refere exatamente ao evento, mas a cidade onde ocorreu, o que dá margem para significados que não operam diretamente com ideias sobre a Parada.

Esses dados revelam um percurso linear e histórico de representação da Parada e seus atores, pois percebemos que, no decorrer dos anos, houve uma mudança de tematização que partiu da classificação do evento com termos que podem remeter a uma atividade de contestação (Chapéus como “DIA DE PROTESTO” e “PASSEATA”) para a caracterização da identidade social coletiva dos atores LGBT, reconhecendo a diversidade identitária desse grupo (registros como “GAROA COLORIDA” e “ARCO-ÍRIS”). Essa mudança representa o evento como uma ação mais contestatória nos anos iniciais em que a Parada se assemelhava à proposta primacial estadunidense e depois mais como uma atividade celebrativa, nos anos em que a Parada se revestiu de características carnavalizadas e também mercadológicas.

É importante ainda notar que alguns Chapéus pressupõem a participação de atores que podem ser evocados a partir das palavras escolhidas. Por exemplo, aquelas relativas ao processo de caminhar publicamente (“PASSEATA” e “PASSEATA NA PAULISTA”) pressupõem atores em suas atividades motoras de andar, caminhar e marchar, geralmente, em nossa cultura, associadas a uma ação contestatória e, portanto de caráter eminentemente político, o que já fica evidente no registro “DIA DE PROTESTO”. Em contrapartida, o uso do termo “FESTA” é

capaz de nos fazer mobilizar indiretamente a participação de atores envolvidos em práticas comemorativas e de entretenimento, portanto de caráter lúdico. Essa duplicidade de representação implícita caracteriza a díade do processo carnavalizado da Parada, que tenta conjugar uma polifonia de interesses tanto reivindicatórios e atrelados ao protesto por uma sociedade mais igualitária quanto ligados ao divertimento e exposição da irreverência identitária.⁵

Já a presença da Linha Fina foi quase unânime em nosso *corpus*. Elemento de forte contextualização para a leitura do texto, esse recurso só não esteve presente em três notícias que analisamos. Isso demonstra o quanto a Folha buscou indicializar as informações contidas nas notícias sobre a Parada, pois quanto maior é a presença desse recurso mais o público-leitor pode ser indicado sobre o que aborda a notícia antes mesmo de lê-la. Além disso, da mesma maneira que o Título (este compulsório ao gênero notícia), a Linha Fina se encarrega de reforçar o controle discursivo do jornal na medida em que não apenas aponta para o que é desenvolvido no Relato, mas também demarca os argumentos que considera pertinentes na exposição feita no corpo do texto.

No que tange ao uso do Olho nos textos que analisamos, constatamos sua presença em 11 notícias de nosso *corpus*, quase todas publicadas de 2006 a 2012. Como recurso introdutório ao Lide, o Olho está presente em 08 notícias e, como recurso de continuidade, em 03 notícias, sendo estas publicadas nos últimos dois anos, o que pode apontar para um formato que o jornal assumirá nas futuras edições sobre a Parada. Sempre integrado a textos que também apresentam Linha Fina na estruturação e a muitos que possuem divisão tópica por meio de Intertítulo, o Olho pode ser entendido como um elemento de acréscimo e destaque de informação que a Folha quis produzir sobre a Parada.

Evidenciada com negrito, essa estrutura é marcada nas nossas notícias como um componente de forte visibilidade para as informações expostas, sejam elas típicas do Lide, tais como o horário e o percurso da Parada; do Sublide, a exemplo de algumas causas que levaram a estruturação do evento a ser da forma que aconteceu; ou do Relato, como alguns exemplos de situações inusitadas ocorridas durante a passeata. Abaixo segue uma sequência de três respectivos casos.

- “Evento está programado para iniciar na av. Paulista, às 14h, e seguir para r. da Consolação; CET vai interditar o tráfego no local” (PHPP Not. XXI - 17/06/06)
- “Donos de casas noturnas têm de pagar R\$ 10 mil de taxa de inscrição para festa e desistem de sair no evento pela primeira vez neste ano” (PHPP Not. XXI -14/06/09)
- “Quatro pessoas foram presas; três dos 23 trios da festa tiveram problemas, e um deles chegou a ficar enroscado em viaduto” (PHPP Not. XXI -11/06/07)

Quando se configura especificamente como Olho de continuidade, essa estrutura, nas três notícias que apresentaram esse tipo de Olho, está presente 13 vezes nos nossos dados. Sob sua forma canônica, tal registro destacou, entre argumentos favoráveis e contra a Parada, trechos da fala de um membro da organização do evento (1), do arcebispo metropolitano de São Paulo (1), do governador de São Paulo (1), de pessoas sugeridas como LGBT (3), e de outros atores que são

⁵ Segundo van Leeuwen (2008), as ações e reações podem ser *ativadas*, representadas dinamicamente, ou *desativadas*, representadas estaticamente, como se fossem entidades ou qualidades em vez de processos dinâmicos. Quando ativadas, elas são gramaticalmente realizadas em um grupo verbal e, quando desativadas, por processos de nominalização, como ocorre com algumas lexias usadas como Chapéu em nossos dados. Não aprofundamos essa discussão já que nosso estudo não corresponde a uma proposta de análise da representação das ações sociais que compuseram a Parada, mas dos atores participantes nela. Ainda que, em muitos momentos, contextualizemos a visibilidade desse evento, nosso intuito é perceber como os atores ganham notoriedade na medida em que o evento também ganha.

representados por suas profissões e por serem moradores da região da avenida Paulista, local onde se realiza a Parada, ou apreciadores do evento (6). Esse enfoque, para a fala de pessoas que não são identificadas necessariamente como LGBT, fornece uma visibilidade maior à perspectiva da população (concordando ou não com o evento) do que à opinião dos atores para quem o evento é destinado. Abaixo seguem dois exemplos dos registros preponderantes.

“Tem orelhão quebrado, muito lixo. O barulho também atrapalha” MARIA HELENA SABA, 29, moradora da Paulista” (PHPP Not. XXI -11/06/12)

“Estou achando o máximo. Hoje nós [heterossexuais] somos a minoria!” CLÉO HONORATO, 42, dona de casa, em sua 1ª Parada Gay” (PHPP Not. XXI -11/06/12)

Diante disso, o fato é que, da forma como foi conduzido, o Olho serviu ao jornal (muito mais do que o Chapéu) como uma espécie de indutor da leitura e da visibilidade para alguns aspectos sobre a Parada que a notícia apresenta. Ademais, o Olho, em nossos dados, representa um importante elemento de orientação para o que o Poder do jornal quer enfatizar. Mais até do que o Título da notícia, ele oferece – seja em sua forma tradicional, seja como Olho de continuidade – o que o Poder do jornal quer enfatizar: a opinião da população sobre o evento, as contingências ocorridas no percurso, as informações elementares da notícia (horário, local, participantes), dentre outros dados que a Folha reveste de relevância e, muitas vezes, aponta como prioritários ao público, quando os materializa sob o destaque do tamanho da fonte, da cor e da localização do Olho.

Já sobre o uso de Intertítulo em nosso *corpus*, alegamos que, como recurso que possibilita uma nova topicalização ou o reforço do tópico principal, favorecendo a inserção de novos comentários, buscamos identificar se as notícias que analisamos possuem divisão tópica introduzida por Intertítulo e para o que este apontava. Assim, pudemos verificar objetivamente quais textos foram publicados sob uma explícita divisão temática e quais as implicações disso para a análise da visibilidade, uma vez que a quantidade de tópicos dos textos pode apontar para a multiplicidade de enfoques na representação do assunto, funcionando ou não como ganchos jornalísticos.⁶

Onze textos do *corpus* apresentaram divisão tópica e, portanto, incluem Intertítulos. Todos se dividiam em dois tópicos – expondo um Título e um Intertítulo. A única distinção está nas edições de 14/06/04 e 11/06/12, que apresentam dois textos e, assim, dois Títulos, sendo apenas um dos textos com Intertítulo. O quadro a seguir expõe esses dados, mostrando os Intertítulos em linhas sombreadas.

Edição	Ano	Data	Títulos e Intertítulos
1ª	1997	28/06	Gays fazem passeata no Rio e em SP
2ª	1998	29/06	Capitais têm passeatas do orgulho Gay
3ª	1999	27/06	Celebre os ‘gay 90’s’ na avenida Paulista
		28/06	Parada Gay atrai 20 mil manifestantes em São Paulo
4ª	2000	25/06	Homossexuais querem reunir 100 mil hoje
			Parada limpa

⁶ No jargão jornalístico, o *gancho* é um assunto abordado a partir de outro como mote. Por exemplo, em ano de eleição política, é possível que o jornal questione a participação de candidatos/as na Parada e, inclusive, desenvolva comentários sobre a performance deles/as, como ocorre em alguns de nossos dados. Entretanto, muitas vezes, os jornais acabam utilizando o gancho para mitigar o suposto foco da notícia, que é a realização da Parada em si. Quando isso acontece, percebemos como manobra de representação a mudança de tópico, que, muitas vezes, fica explícita no Título ou no Intertítulo.

		26/06	Parada gay congestionada o centro de SP
			Performances e fantasias
5 ^a	2001	17/06	Parada muda o trânsito na avenida Paulista e no centro
		18/06	Parada gay registra recorde de público
6 ^a	2002	02/06	6 ^a edição da Parada começa às 14h
		03/06	Parada leva às ruas 400 mil pessoas e bate recorde e bate recorde em SP
			Xuxa e Donna Summer
7 ^a	2003	22/06	Parada do orgulho Gay terá 21 trios elétricos hoje
		23/06	Parada Gay dobra e leva 800 mil à Paulista
			Gays, famílias e idosos
8 ^a	2004	13/06	Parada Gay altera Domingo na Paulista
		14/06	Parada Gay reúne 1,5 milhão e bate recorde
			Turistas reforçam público na Paulista
			Colorido
9 ^a	2005	29/05	Parada tem início às 11h com show dos anos 80
		30/05	Parada Gay tem ampla presença feminina
10 ^a	2006	17/06	Parada Gay tenta manter recorde hoje
			Cabeleireiros no trabalho
		18/06	Parada Gay resiste à Copa e supera recorde de público
11 ^a	2007	10/07	Parada Gay aquece mercado de luxo
		11/07	Parada Gay cresce; diversão e problemas também
12 ^a	2008	25/05	Em sua 12 ^a edição, Parada Gay fica mais globalizada
			Multidão
13 ^a	2009	14/06	Parada desfila na contramão sem trios de boates gays
			Arco-íris cinza
		15/06	Sem trios de boates, política avança na Parada Gay de SP
			Abaixo-assinado
14 ^a	2010	07/06	Menos cor no arco-íris
15 ^a	2011	27/06	Garoa na parada
			Debutante
16 ^a	2012	10/06	Parada Gay atrai turista profissional a São Paulo
		11/06	Parada Gay reúne 270 mil pessoas, afirma Datafolha
			“Se não foi mais, ficou em 4 milhões”, diz organizador
			Falta de apoio

Quadro 4 – Registros de Títulos e Intertítulos

Todos os Intertítulos topicalizam o foco discursivo da segunda metade dos textos através de itens lexicais nominais, ou seja, não formam orações. Interessa-nos observar a que semanticamente apontam esses nomes. Nesse sentido, verificamos que, em geral, se referem: à própria Parada (“Parada limpa”; “Debutante”); aos/às participantes da Parada (“Gays, famílias e idosos”; “Multidão”); a itens abstratos, relativos ou não ao campo semântico da Parada (“Colorido”, “Arco-íris cinza”); e a itens metonímicos e alusivos (“Performances e fantasias”, “Xuxa e Donna Summer”, “Abaixo-assinado”, “Cabeleireiros no trabalho”).

Exceto nas edições 23/06/03 e 14/06/09, os Intertítulos não complementam a informação dos Títulos e do que é apresentado no Lide e no Sublide, funcionando assim como introdutores de novos assuntos, todos relativos ao evento. Não constatamos nenhum gancho, logo a mudança explícita de tema nas notícias mantém a visibilidade do assunto maior, que é a Parada e conseqüentemente dos atores envolvidos nela. Alguns temas desenvolvidos no segundo

tópico são citados na Linha Fina, estrutura que, como explicamos, tem também papel de antecipar alguns argumentos do texto. Somado a isso, percebemos que o uso do segundo tópico serviu ora para reforçar a amplitude de estrutura do evento e participação de público (por exemplo, nos trechos intitulados “Colorido” e “Multidão”), funcionando, assim, como uma espécie de tópico agregador à visibilidade positiva do evento; ora para apontar vicissitudes da organização da passeata (como em “Arco-íris cinza” e “Falta de apoio”), servindo, então, para apresentar um contraponto negativo ao funcionamento da Parada.

Como observação de tudo isso, é possível dizer que os Intertítulos em nosso *corpus* representam mais uma forma de garantir a visibilidade do evento, uma vez que esses introdutórios de tópicos iniciam um momento de discussão que amplia as respostas do Lide, do Sublide e até do que está convencionado para o Relato. Pode ser que isso justifique o fato de que somente no ano 2000 esse recurso passou a ser utilizado, já que a partir dessa época o evento foi ganhando maior participação e conseqüentemente as notícias que o reportavam cresceram, abrindo espaço para diferentes temas ligados à Parada e ao movimento LGBT.

Em resumo, sob a miríade de aspectos que as estruturas do Resumo revelam, está o fato de que o jornal Folha de S. Paulo soube aproveitar muito bem o papel de cada elemento citado neste tópico, a fim de garantir a função de governança do gênero notícia como atividade discursiva de visibilidade e representação da Parada. Foi possível que os textos produzidos por esse jornal articulassem, de acordo com o que pudemos perceber, os potenciais de visibilidade que as estruturas facultativas da notícia (Chapéu, Linha Fina, Olho e Intertítulo) podem operar. Sempre em coerência com os diferentes momentos históricos da Parada; acompanhando os pleitos políticos, as conquistas e as querelas do movimento LGBT no Brasil, principalmente em São Paulo; e buscando usar os recursos tecnológicos (de fotografia, edição e interatividade) que o Grupo Folha dispôs, esse periódico (tanto em sua versão impressa quanto digital) esteve na vanguarda da visibilidade dada à maior parada LGBT do mundo. Resta-nos verificar de que modo a representação desses elementos da notícia conjugada às outras variáveis que citamos neste tópico impactam no projeto jornalístico da Folha e na visibilidade desse evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o que constatamos com a descrição e a quantificação dos itens referentes às ocorrências e estruturas que citamos neste tópico, podemos registrar, como síntese do resultado obtido, que tanto a Parada quanto seus atores, sobretudo LGBT, recebem uma acentuada visibilidade no jornal Folha de S. Paulo. Dada a história pregressa desse periódico, em muitos momentos, o grupo empresarial que dirige a Folha esteve interessado em cobrir assuntos que aproximassem o jornal do grande público. Em algumas ocasiões na formação das diferentes corporações que compuseram o que chamamos hoje de Grupo Folha, seu jornal de maior inserção encabeçou campanhas com distintos objetivos, muitas delas incitando a participação popular e fazendo a empresa se posicionar claramente acerca do pleito apresentado.

Entretanto, em nenhuma de suas fases históricas, esse jornal esteve oficialmente ligado a um projeto de visibilidade de minorias, muito menos a ações ativistas de LGBT. Isso faz com que o trabalho de tematização e destaque empreendido através do noticiário sobre as Paradas nesse periódico funcione como uma espécie de prática jornalística inédita na trajetória político-ideológica da Folha e, em virtude da representatividade desse jornal no cenário da imprensa brasileira, faz também com que tenha o mesmo significado na história da imprensa de nosso país. De mesmo modo, considerando os modelos de gestão exercidos por todo percurso de edificação do Grupo – até mesmo quando ainda compreendia um conjunto de jornais avulsos no início do século XX –, o grau de interesse da Folha em pautar e publicar a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo responde a um jogo de mercado e segue um padrão de agendamento social da

imprensa e da sociedade contemporânea, tendente a compreender, muitas vezes, o papel da mídia como uma janela de espetáculos e/ou promotora de denúncias dos problemas sociais vigentes.

É sob o horizonte dessas características que a imprensa reserva, como no caso da Folha, uma espécie de espaço para ações de contestação pública como a Parada, já que esse evento, por si, congrega elementos “anfíbios” de forte apelo sinestésico e político. Isso reveste quem lhe visibiliza de um poder para direcionar o foco de reportagem numa escala que pode ir da imagem do estritamente ridículo e atrativo (por isso espetacularizante) até o polo oposto, o anúncio público de conflitos sociais característicos da sociedade atual (portanto, evidenciando um caráter denunciativo da imprensa). Estando em qualquer ponto dessa escala a *Folha de S. Paulo* conseguiu dispor a Parada de São Paulo num lugar de grande notoriedade a partir:

- a) do estratégico uso de recursos contextualizadores de capa (Abertura, Chamada, Foto-legenda) facilitadores do primeiro acesso ao interesse e à leitura do público;
- b) das variadas ocorrências de estruturas de Resumo na notícia (Chapéu, Linha Fina, Olho e Intertítulo), que não só introduzem e sinalizam o texto, mas também permitem que o discurso ganhe espaço na página do jornal e apontam para uma tentativa da Folha em ampliar as possibilidades de comentários sobre o evento.

Em resumo, podemos dizer que a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo e seus atores, principalmente LGBT, foram objeto de uma organização semiótica que favorece positivamente a imagem do evento e das pessoas que dele participam, na medida em que os coloca em nítido destaque, recebendo alta visibilidade, como requerido por toda ação coletiva pública dessa natureza. Contudo, não coube até esse ponto do estudo, analisar a qualidade dessa visibilidade e interpretar a que outras práticas da ordem social do ativismo LGBT ela está associada. Outro estudo semelhante pode continuar a descrição dos dados, mas referindo-se às escolhas textuais que constroem a representação dos atores no evento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Tarcísia Travassos. **Títulos, para que os quero?** 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2002

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** Tradução Judith Chambliss Hoffnagel São Paulo: Cortez, 2002

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity.** Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo:** redação, captação e edição no jornal diário. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

FALCONE, Karina. **O acesso dos excluídos no espaço discursivo do jornal.** Recife: UFPE, 2005.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação da folha de S. Paulo.** São Paulo: Folha de S. Paulo, 2007.

GREEN, James; POLITO, Roger. **Frescos Trópicos**. Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. (Baú de Histórias).

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. **Linguística de Texto**: o que é e como se faz? Recife: UFPE, 2009.

PEDROSA, Cleide. **Gênero textual “Frase”**: marcas do editor nos processos de retextualização e (re)contextualização. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2004

SILVEIRA, Ricardo; PAULA, Diogo. A sedução na construção das manchetes em jornais paulistanos. In: _____; LEAL, Maria do Carmo; PACHECO, Mário. **Discurso em questão**. Representação, gênero, identidade, discriminação. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. p. 39-48.

SIMÕES, Julio; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**. Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

VAN DIJK, Teun. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Ediciones Paidós, 1996.

_____. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN LEEUWEN, Theo. Representing social action. In: _____. **Discourse and practice**. New tools for Critical Discourse Analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008. p. 55-7

Recebido em 26/05/2017

Aceito em 11/10/2017

Publicado em 26/10/2017